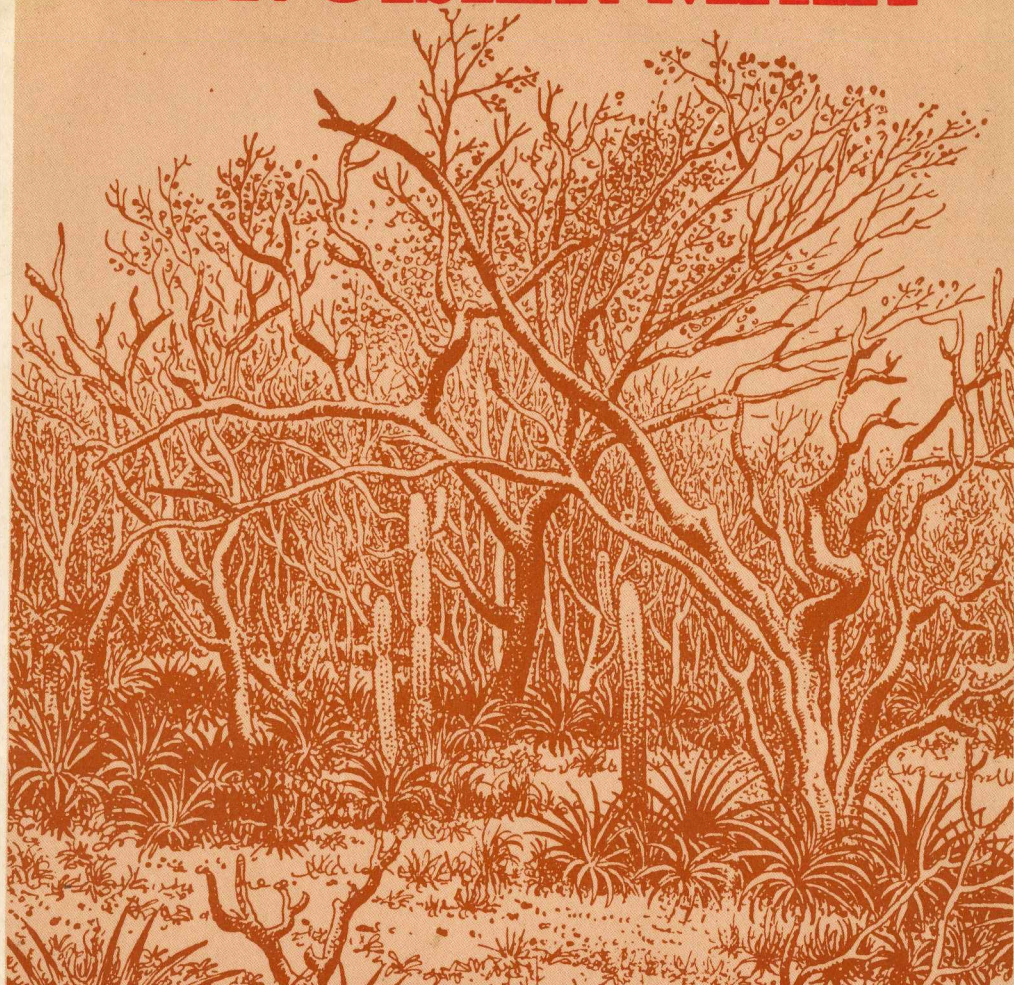


Senador

SENADO FEDERAL

LAVOISIER MAIA



SECA E CONSTRUÇÃO DO

NORDESTE

Brasília, 1993.

... O SR. LAVOISIER MAIA (PDT — RN, Pronuncia o seguinte discurso.)
— Sr. Presidente, Srs. Senadores, depois de passar uma semana no mato do peão, ouvindo seu clamor, apertando a mão e cada lado do sertão faminto, vendo de perto campos sem pasto, rios e açudes sem água, grupos familiares saqueando quase diariamente feiras e casas comerciais, sentindo o dever moral de voltar à tribuna desta Casa para sugerir algumas medidas complementares que devem ser tomadas pelo Governo Federal.

É verdade que, antes e depois das providências que o Governo tomou, alguns senadores aqui falaram sobre esse assunto.

Mas acontece que em cada Estado nordestino, este fenômeno cíclico apresenta peculiaridades que exigem soluções diferentes. Não podemos calar diante de um quadro de miséria que envolve cerca de 20 milhões de nordestinos, isto é, 46% da população total de nosso país, porque a seca no Nordeste

Seca e Construção do Nordeste

de três efeitos correlatos: o colapso da produção do leite prático, o risco para o sistema de abastecimento de água potável e o surgimento de uma seca generalizada. Se o Governo não agir com rapidez e eficiência, a fome e a sede, desfaço a criança indefesa e a miséria de milhares de famílias obrigada a violar a propriedade.

Discurso proferido no dia 15 de abril de 1993

É um conjunto de negatividades que está acontecendo nos nove estados do Nordeste. Proprietários estão perdendo de 30 a 40 cabeças de gado por dia. Diante da escassez de pasto, a raça industrializada alcança preços insustentáveis para a maioria dos criadores. Enquanto isso, o preço do gado desce a níveis insignificantes.

Por outro lado, Sr. Presidente, a seca acarreta a desativação dos açudes e açudes acarreia a seca no Rio Grande do Norte, a Companhia de Saneamento de Natal não consegue abastecer a cidade de abastecimento de água tratada. Há 15 dias, um terço da população de Natal não tem acesso aos serviços de abastecimento de água potável. Este número poderá quadruplicar. É ocioso dizer aos Srs. Senadores que a água sem tratamento, todos sabem, é um poderoso vetor de contaminação e propagação de uma epidemia vem concentrando os maiores índices nos estados do Nordeste.

BRASÍLIA — 1993

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

Seca e Construção do Nordeste

Discurso proferido no dia 15 de abril de 1933

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTÔNIO SOARES FILHO

O SR. LAVOISIER MAIA (PDT — RN. Pronuncia o seguinte discurso.)
— Sr. Presidente, Srs. Senadores, depois de passar uma semana no meio do povo, ouvindo o seu clamor, apertando a mão calejada do sertanejo faminto, vendo de perto campos sem pasto, rios e açudes sem água, grupos famintos saqueando quase diariamente feiras e casas comerciais, sentimos o dever moral de voltar à tribuna desta Casa para sugerir algumas medidas complementares que devem ser tomadas pelo Governo Federal.

É verdade que, antes e depois das providências que o Governo tomou, alguns senadores aqui falaram sobre esse assunto.

Mas acontece que em cada Estado nordestino, este fenômeno climático apresenta peculiaridades que exigem soluções diferentes. Não podemos calar diante de um quadro de miséria que envolve cerca de 20 milhões de nordestinos, isto é, 46% da população total da região, até porque a seca no Nordeste é antes de tudo um problema nacional, e não apenas regional.

A seca, quando se configura nos céus do Nordeste, provoca a ocorrência de três efeitos correlatos: o colapso da produção do setor primário, o risco para o sistema de abastecimento da água e o desemprego generalizado. Se o Governo não age com prontidão, morre o gado de fome e sede, desfalece a criança indefesa e a multidão de desempregados é obrigada a violentar a propriedade alheia para sobreviver, como está acontecendo no Nordeste, particularmente no Rio Grande do Norte, diariamente.

É um conjunto de negatividades que está acontecendo nos nove estados do Nordeste. Proprietários estão perdendo de 30 a 40 cabeças de gado por dia. Diante da escassez de pasto, a ração industrializada alcança preços inacessíveis para a maioria dos criadores. Enquanto isso, o preço do gado desce a níveis insignificantes.

Por outro lado, Sr. Presidente, a falta de água nos açudes acarreta a desativação dos sistemas de água tratada. Atualmente, no Rio Grande do Norte, a Companhia Estadual de Água já desativou o sistema de abastecimento de água tratada em dezenas de municípios. Só na última semana foram desativados 15 sistemas e nesta semana mais 10. Se não chover nos próximos sessenta dias, um terço dos municípios do Rio Grande do Norte estarão com os seus serviços de abastecimento de água desativados. Este número poderá quadruplicar. É ocioso dizer aos Srs. Senadores que a água sem tratamento, todos sabem, é um poderoso veículo de doenças, sobretudo para a cólera, cuja epidemia vem concentrando os maiores índices nos estados do Nordeste.

Inegavelmente, seca, fome e doença formam hoje, no Nordeste rural, um perigoso tripé que ameaça a própria sobrevivência da população sertaneja.

As providências tomadas até agora pelo Governo Federal são lentas — deveriam ser mais rápidas — e, até certo ponto, tímidas e insuficientes. Apesar dos 4 trilhões e 700 bilhões de cruzeiros que o Governo liberou, resultará, para cada trabalhador, Srs. Senadores, um salário de 800 mil cruzeiros por mês, ou seja, 28 mil cruzeiros por dia. Essa importância representa apenas a metade do dinheiro de que ele necessita diariamente para dar à sua família uma ração mínima de feijão, farinha e rapadura, nada mais do que isso. Além do mais, de cada família necessitada, apenas uma pessoa poderá ser inscrita nas Frentes Produtivas de Trabalho — puro eufemismo, pois essas frentes nada têm de produtivas. Ora, Srs. Senadores, sabemos que no sertão nordestino o número médio de pessoas por família é igual ou superior a sete. Por conseguinte, o salário proposto deixa muito a desejar.

O Sr. Ney Suassuna — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. LAVOISIER MAIA — Pois não, Senador Ney Suassuna.

O Sr. Ney Suassuna — Nobre Senador, os 180 milhões de dólares que o Governo Federal destina aos nove estados nordestinos, às nove milhões de pessoas que estão afetadas pelo flagelo da seca, representam cerca de um terço do salário mínimo para cada um desses flagelados, que serão pagos em três parcelas. Em três parcelas os 4 trilhões, uma vez que os 180 milhões de dólares transformados em cruzeiros representam 4 trilhões e pouco. Estando presentes na Comissão Mista, eu e o nobre Senador Epitácio Cafeteira fizemos as contas e verificamos que, se não houver correção desse auxílio ao Nordeste, um terço do valor será perdido porque será pago em três parcelas. Já é uma quantia insuficiente. É necessário, então, que se faça a correção e também a agilização porque, hoje, faz exatamente 27 dias que estivemos com o Presidente da República, clamando por urgência nessa emergência. Se alguém tivesse realmente necessidade de água para beber já teria morrido há muito, e não foram poucos os que morreram, principalmente as crianças e os indefesos. Por todas essas razões, solidarizo-me com V. Ex^a. É preciso que se agilize rapidamente essa ajuda que, lamentavelmente, é pouca.

O SR. LAVOISIER MAIA — Nobre Senador Ney Suassuna, V. Ex^a tem toda razão. O Governo anunciou a liberação de 180 milhões de dólares. Se o Governo disse dólares, esperamos que seja mesmo dólar e, na época em que for cruzeiro, a quantia seja correspondente àquela proposta. A quantia aparentemente é vultosa, mas insuficiente porque a fome, o desemprego e a doença crescem em proporção geométrica, pois sem alimento diminui a resistência e aumentam as doenças. É triste o quadro.

Muito obrigado pelo aparte, Senador Ney Suassuna.

Ao tecer considerações desta tribuna, aproveito o ensejo para sugerir ao Governo Federal outras medidas para minorar a fome, o desemprego e a miséria nas regiões mais atingidas pela seca.

Sou médico e preocupo-me com a saúde das crianças de zero a quatro anos, porque, independentemente da seca, o Nordeste é a região que possui o maior número de indigentes — dezessete milhões — conforme o mapa da fome realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e apresentado ao Presidente Itamar Franco pelo sociólogo Herbert de Souza no dia 18 de março próximo passado.

Segundo ainda esse mesmo mapa, a pobreza brasileira é mais intensa no Nordeste, com 45% das famílias pobres do País; essa pobreza é maior na área rural nordestina, onde vivem 55% dos pobres do meio rural brasileiro.

A mesma negatividade, os pesquisadores constataram em relação à mortalidade infantil. Enquanto a média nacional é de 45 óbitos por mil crianças nascidas vivas, com menos de um ano de idade, no Sudeste a mortalidade infantil situa-se na faixa de 33 por mil, no Nordeste essa média é de 75 por mil. Portanto, mais do dobro da média do Sudeste e muito superior à média nacional. Índices semelhantes, a UNICEF constatou em relação à desnutrição e à subnutrição da população adulta e infantil do Nordeste.

Chamo a atenção dos meus pares para o que vou propor aqui, através deste pronunciamento, a Sua Excelência o Senhor Presidente da República. Por ser médico, repito, preocupa-me a situação das crianças que não podem comer apenas rapadura, feijão e farinha, que é o que está comendo o adulto pobre no Nordeste. Por isso, quero propor o Programa do Leite, que funcionou do início de 1988 até dezembro de 1990, e que, devido a numerosas críticas e desvios — procedentes, até certo ponto — levou o Governo Collor, de infeliz memória, a acabar com o citado programa. Naquela época, já havia mais uma seca no Nordeste. Enquanto durou esse programa, cada família pobre recebia um litro de leite por dia para melhorar a alimentação das crianças.

Sabemos que uma comissão de técnicos já elaborou uma proposta para reativá-lo, dentro do Programa de Combate à Fome, em cuja implementação o Nordeste será área prioritária.

O Sr. Ronan Tito — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. LAVOISIER MAIA — Concedo o aparte ao nobre Senador Ronan Tito, com muito prazer.

O Sr. Ronan Tito — Nobre Senador Lavoisier Maia, é oportuna essa sugestão que faz V. Ex^a ao Presidente da República, para que volte o incentivo ao leite. Ao mesmo tempo, gostaria de dizer que esse incentivo que se criou para o gás — e tenho absoluta certeza de que o Presidente o criou com a melhor das intenções — vai ser um incentivo à corrupção. Por exemplo, sítios e fazendas pouco freqüentadas, apartamentos que estão fechados, que

não estão alugados, tudo isso pode dar margem a uma distorção. Então, é melhor que fiquem fechados. Por outro lado, o incentivo ao leite, a criação do subsídio ao leite não é prática do Brasil; o Brasil não inaugurou isso. Todos os países desenvolvidos do mundo subsidiam o leite: na França, esse subsídio chega a 50%; nos Estados Unidos da América do Norte, uma vaca é subsidiada em 1 mil e 700 dólares; trata-se de uma quantia superior à renda *per capita* de milhões de brasileiros. O leite não precisará ser cozido nem pasteurizado; poderá ser fornecido em forma de leite em pó, desidratado. Seria uma medida da maior importância, porque poderia também acudir a pecuária leiteira, que tem nos seus quadros pequenos pecuaristas, pequenos tiradores de leite. Por isso mesmo, esse subsídio ao leite, essa distribuição de leite, neste momento de crise profunda, é um ato de sabedoria. Sei que o Presidente Itamar Franco vai se sensibilizar com as palavras de V. Ex^a e começar pela área da Sudene, onde falta chuva, falta alimento, falta tudo. E o leite ainda tem uma vantagem: hidrata. Por isso mesmo, o discurso de V. Ex^a é da maior oportunidade, e eu me junto a V. Ex^a nesse apelo que faz ao Presidente da República. Parabéns a V. Ex^a!

O SR. LAVOISIER MAIA — Muito obrigado, Senador Ronan Tito, pelo apoio e pela solidariedade. V. Ex^a é sensível à situação de dificuldade por que passam as crianças brasileiras. Faço este apelo ao Presidente, porque o leite, que é a alimentação primeira da criança, deve chegar logo ao Nordeste, senão a mortalidade infantil vai aumentar e vidas inteiras serão ceifadas pelo Brasil afora, principalmente nessa região. Muito obrigado a V. Ex^a

Nesta hora, fazemos um veemente apelo à sensibilidade do Presidente Itamar Franco para que agilize a implementação desse programa, adaptando-o à realidade das populações flageladas pela seca. Que o Senhor Presidente da República não se deixe imobilizar pela frieza dos burocratas, cuja insensibilidade para com os problemas do povo é por demais conhecida. Para proporcionar um litro de leite por dia às 4 milhões de crianças nordestinas, na faixa etária de 0 a 4 anos de idade, o Governo gastará cerca de 60 milhões de dólares por mês, quantia que considero pequena, porque irá evitar a morte de milhões de crianças pobres no Brasil, e principalmente no Nordeste.

Outra linha de ação que deve ser priorizada pelo Governo Federal é fazer investimentos permanentes em recursos hídricos. O Nordeste ainda dispõe de numerosas localidades para construir grandes reservatórios d'água e, conseqüentemente, de adutoras para distribuir melhor o precioso líquido. A título de ilustração, citamos, no Rio Grande do Norte, a construção da Barragem de Santa Cruz, na Chapada Apodi, que, uma vez feita, possibilitará a irrigação de 10 mil hectares de terra, a geração de 30 mil empregos diretos e assegurará, definitivamente, o abastecimento d'água de Mossoró, a segunda maior cidade do nosso Estado. Outra barragem importante é a de Oiticica, entre Jucurutu e Jardim de Piranhas; uma vez construída, suas águas encontrar-se-ão com as águas da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, pereni-

zando a oferta abundante de água numa extensão de mais de 100 km no território potiguar. É importante salientar que vultosos recursos foram alocados no Orçamento da União deste ano para a construção dessas obras. Caberia ao Governo apenas agilizar a sua liberação para a retomada das obras, que já foram iniciadas no ano passado.

Srs. Senadores, nunca é demais lembrar que a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, pelo Governo Federal, quando governávamos o Rio Grande do Norte, que é capaz de acumular 2 bilhões e 400 milhões de metros cúbicos de água, é o exemplo inconfundível da excelente aplicação dos recursos públicos em obras permanentes por ocasião das secas. Essa barragem foi construída em apenas quatro anos.

Gostaríamos de lembrar também a construção de canais para redistribuir a água da Lagoa do Bonfim, que irá beneficiar de dez a doze municípios de regiões circunvizinhas, além da construção de uma adutora para trazer água do açude Boa Hora para abastecer a cidade de Santa Cruz, que, no momento, está passando as piores privações de água por causa do total esgotamento do açude Inharé. Santa Cruz é uma cidade de mais de 20 mil habitantes, que se encontra nessa situação de calamidade pública.

O Sr. Garibaldi Alves Filho — V. Exª me permite um aparte?

O SR. LAVOISIER MAIA — Com prazer, nobre Senador.

O Sr. Garibaldi Alves Filho — Senador Lavoisier Maia, V. Exª está fazendo um relato muito fiel da situação em que se encontra hoje o Nordeste diante da seca. Na verdade, a situação vem se agravando dia a dia. Os institutos de meteorologia que previam algumas chuvas até maio disseram que, realmente, não vai chover. Então, daqui para a frente, Senador Lavoisier Maia, a situação tende a se agravar. As providências tomadas pelo Governo já foram devidamente executadas ou estão sendo, mas não são suficientes. Por mais que se diga que nunca se investiu tanto no Nordeste como se está investindo agora, com a liberação de uma quantia da ordem de Cr\$4 trilhões, isso não será suficiente diante da gravidade da situação. O Governo precisa adotar outras providências na área rural, de modo que o produtor possa também ser socorrido, porque ele precisa de dinheiro disponível para não abandonar o seu chão, a sua terra, e a maneira como esse crédito está sendo oferecido, com base na TR, é um verdadeiro absurdo. Senador Lavoisier Maia, acredito que as sugestões de V. Exª são da maior validade, porque complementaríamos essas providências já adotadas pelo Governo: o Programa do Leite, o crédito para o agricultor, o início de obras como a Barragem de Santa Cruz, tudo isso poderia, realmente, servir de novo alento para todos aqueles que estão, nessa hora, sofrendo as conseqüências da estiagem no Nordeste, particularmente no Rio Grande do Norte.

O SR. LAVOISIER MAIA — Muito obrigado, Senador Garibaldi Alves Filho. V. Exª sabe, tanto quanto eu, das dificuldades da população nordestina.

Especialmente no Rio Grande do Norte, a situação piora a olhos vistos, a fome aumenta, dia a dia, a mão estendida. V. Exª sabe da importância dessa sugestão que ofereço ao Presidente da República sobre o Programa do Leite. Foi V. Exª, quando Prefeito de Natal, no primeiro dia do seu mandato, quem teve a sensibilidade de iniciar o Programa do Leite para a criança pobre da periferia daquela cidade. V. Exª é um homem de sensibilidade e está vendo a fome se alastrar, e quando a fome aumenta, a inquietação surge; não há exército que vença a fome, a miséria e a inquietação de uma população.

O Sr. Mauro Benevides — V. Exª me concede um aparte, nobre Senador?

O SR. LAVOISIER MAIA — Concedo a palavra a V. Exª

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador Lavoisier Maia, ao apartear V. Exª há poucos instantes, o Senador Garibaldi Alves Filho destacou que vários institutos especializados em avaliações climáticas praticamente já desiludiram a população do Nordeste em relação às chuvas na presente quadra. Diria a V. Exª que há cerca de uns dois dias a Funceme, que é um órgão na estrutura organizacional do estado, também já anunciou esse dado, o que trouxe extraordinária inquietação a todos os cearenses que ainda admitiam, mesmo longinquamente, a expectativa de chuva em algumas áreas do nosso estado. Esse quadro se agudiza a cada momento. As quedas pluviométricas até aqui registradas bissextamente não trazem qualquer alento aos meus conterrâneos. Uma vez que o Governo Federal se dispôs a colaborar com aquelas frentes de produção, liberando a primeira parcela daquele crédito de 180 milhões de dólares, esperamos que as providências governamentais se desdobrem também através de programas como o que V. Exª aponta no seu discurso. Portanto, estou solidário com V. Exª, com o Senador Garibaldi Alves Filho e confio em que o Governo venha a acolher as sugestões que V. Exª formula no seu pronunciamento na tarde de hoje.

O SR. LAVOISIER MAIA — Obrigado, nobre Senador Mauro Benevides. V. Exª conhece, como nós, o problema do Nordeste. Como classificou muito bem, a situação se agudiza. Disse que a pobreza, a miséria e a fome se multiplicam geometricamente. Hoje, ou o Governo é mais ágil na liberação de recursos, providenciando a correção do que vai ser despendido nos próximos meses, ou será incontrolável a situação no Nordeste. Aqui, há senadores de todas as regiões, inclusive de regiões ricas, onde não falta água, onde não faltam alimentos, mas devemos pensar bem que o problema não é só do Nordeste, o problema é nacional. Ou temos soluções definitivas, ou essa situação vai perdurar muito tempo ainda.

O Sr. Josaphat Marinho — Permita-me V. Exª um aparte, Senador Lavoisier Maia?

O SR. LAVOISIER MAIA — Perfeitamente, nobre Senador.

O Sr. Josaphat Marinho — Reconhecidamente, Senador Lavoisier Maia, são justas as providências que V. Exª reclama; com elas, como representante

da Bahia, também sou solidário. Confesso, porém, a V. Exª que tenho dúvida de que essas providências cheguem a tempo; ainda hoje os jornais noticiam que o Ministro dos Transportes, seis meses depois de estar no Governo, diz que é preciso arrumar a casa.

O SR. LAVOISIER MAIA — Muito obrigado, Senador Josaphat Marinho. V. Exª é do Nordeste, é da Bahia e sente também o drama das nossas dificuldades.

Quero dizer que, além dessas sugestões, o Governo poderia perfurar numerosos poços profundos nas áreas mais críticas do sertão e equipá-los adequadamente.

A terceira sugestão que quero dar é da agricultura irrigada. A água dos açudes nordestinos não pode servir apenas para espelhar o brilho das estrelas, na irônica advertência de Hermes Lima. No início do século, o Senador Eloy de Souza, de saudosa memória, lembrou a importância da utilização da água dos açudes na agricultura irrigada. Apelo semelhante fez o ex-Presidente Epitácio Pessoa, que se celebrou pela coragem de realizar grandes obras de combate às secas do Nordeste, contrariando os poderosos grupos políticos do Sudeste.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, é na agricultura irrigada que está a solução para o setor primário do Nordeste. Os exemplos da Frunorte, no Vale do Açu, e da Maisa, em Mossoró, na Chapada do Apodi, no Rio Grande do Norte, dos projetos de Petrolina/Juazeiro, em Pernambuco, e de vários outros empreendimentos desse gênero em outros estados nos dão a certeza de que esse é o caminho a ser palmilhado pelo Governo. É graças à irrigação que o Rio Grande do Norte abastece, com melão, mais de 50% do mercado nacional, além das milhares de toneladas que exporta. Êxito semelhante à irrigação tem proporcionado a produção de uva e de outras frutas tropicais como manga, caju e acerola.

É importante lembrar que o Projeto Radam, depois de vários anos de pesquisa, inferiu que o Nordeste dispõe de milhões de hectares de terras irrigáveis. É incrível, mas é verdade: o Rio Grande do Sul, que tem água abundante e inverno certo, possui 779 mil 534 hectares de terra irrigados, enquanto os nove estados nordestinos irrigam apenas 366 mil 831 hectares, isto é, menos da metade.

Sabemos que a agricultura irrigada é cara. Por isso, defendemos para o Nordeste um plano de Governo que diminua os custos dos equipamentos e a energia elétrica consumida. A energia usada no meio rural é muito mais cara do que a energia para o setor urbano. Atualmente, quem usa até 30 kW/hora na produção rural paga a energia elétrica 176% mais caro do que o setor urbano; somente quem usa mais 200 kW/hora no meio rural e que paga tarifas iguais aos produtores do setor urbano. No Rio Grande do Norte, 90% dos associados da Federação das Cooperativas de Energia e Desenvolvimento Rural utilizam até 60 kilowatts/hora nas suas atividades produtivas.

Moral da história: somente os grandes produtores podem fazer agricultura irrigada. Isto é um absurdo que precisa ser removido. Lembramos que a energia solar é a grande alternativa de que dispomos no Nordeste para arrancá-lo do subdesenvolvimento em que se encontra.

Coisas semelhantes estão acontecendo com relação ao crédito rural. Mas, sobre isto, falaremos noutra oportunidade.

Para concluir, Srs. Senadores, queremos dizer que todos os diagnósticos econômicos e sociais feitos pelo Governo Federal chegam à mesma conclusão: a pobreza do Nordeste contrasta com as suas riquezas naturais.

Para exemplificar, citamos apenas as riquezas naturais do Rio Grande do Norte: segundo maior produtor de petróleo do Brasil — 100 mil barris por dia — e quase nada desta riqueza nos beneficia. O pagamento de *royalties* ao estado e aos municípios não dá, sequer, para recuperar as estradas danificadas pelos caminhões da Petrobrás. É a dura realidade. Precisamos aprovar a emenda do nobre Senador Garibaldi Alves, que o Senado já aprovou e a Câmara não o fez, sobre o ICMS cobrado na fonte de produção.

O pagamento do ICMS de combustíveis líquidos é feito aos estados consumidores, graças à esperteza de um Deputado paulista na Constituinte. Mas, estamos de olho neste problema, pois na revisão constitucional, que será feita em outubro, vamos arregimentar as forças políticas dos estados produtores de petróleo para corrigir esta injustiça estrutural. E quem tem a maior frota de veículos circulando no País? É, sem dúvida, São Paulo (50% dos veículos automotores).

Além disso, o Rio Grande do Norte é o maior produtor de sal e de scheelita do País. Somente através da industrialização da scheelita é que poderemos vencer o *dumping* chinês que domina praticamente o mercado mundial deste produto.

Há anos que o Nordeste é superavitário na sua balança de pagamentos.

Nesta hora em que estamos sugerindo soluções permanentes para os problemas do Nordeste não podemos esquecer o Ministro Mário Andreazza, de saudosa memória, que tinha a idéia de construir canais para trazer a água do rio Tocantins para os rios do Nordeste. Sonho irrealizável? Não, Srs. Senadores, com a tecnologia de que dispomos hoje poderíamos realizar esta obra à semelhança do que os americanos fizeram na Califórnia. Falta-nos apenas um estadista que queira resolver em definitivo o problema hídrico do Nordeste.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador Lavoisier Maia?

O SR. LAVOISIER MAIA — Pois não, Senador Cid Sabóia de Carvalho.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Estou ouvindo a palavra de V. Ex^a que é, com certeza, um discurso muito brilhante sobre o Nordeste brasileiro, inclusive por um ex-governador de estado pronunciado, com apartes de senadores também do Nordeste, que, igualmente, conhecem a situação de toda

a região, neste momento assolada por mais uma seca. É muito importante o pronunciamento que V. Exª faz nesta tarde, no Senado Federal. Não quero nem interrompê-lo, porque sei que vai chegando ao momento culminante do seu raciocínio, da sua argumentação, das suas reclamações e sugestões, mas quero apenas apoiá-lo nas suas expressões, nos seus protestos, dizendo que toda a bancada nordestina do Senado Federal, por certo, está coesamente apoiando o que V. Exª profere neste momento. No Ceará, cujo quadro V. Exª tão bem conhece, claramente repete-se aquilo que acontece no Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e etc. Muito obrigado a V. Exª

O SR. LAVOISIER MAIA — Muito obrigado, Senador Cid Sabóia de Carvalho.

É muito importante a palavra de V. Exª nesta hora, porque é conhecedor dos problemas nordestinos, da grave situação que estamos vivendo. Muito obrigado a V. Exª

Mas, por conseguinte, Sr. Presidente, Srs. Senadores, somos uma região economicamente viável, mas vítima de um colonialismo interno que vigora há décadas.

Por isso, o problema do Nordeste é um problema nacional, cuja solução exige um tratamento diferenciado e investimentos permanentes. O que precisa ser erradicada é a pobreza crônica, permanente, que se aprofunda e chega ao extremo nos anos de seca.

Aproveitamos o ensejo para apelar à sensibilidade do eminente Presidente da República Itamar Franco para que convoque a classe política e as lideranças regionais para, juntos, repensarmos o Nordeste e caminharmos para uma solução definitiva dos seus problemas.

Sr. Presidente, era o que eu tinha a dizer. Muito obrigado. (Muito bem!)

